

leite crioulo

direcção de
João Dornas Filho,
Achiles Vivacqua
e Guilhermino Cesar

Suplemento do
ESTADO DE MINAS
numero VIII

Julio Dantas, o Brumel

"Em Lisboa, em se vendo um frade do Desterro em cima da sua mula, o capelo entestado para os olhos, as camandulas a ramalhar na volta de um albardão molrisco, — toda a gente ria.

Figuras de ontem e de hoje (Pag. 163).

O Sr. Julio Dantas, o Brumel das letras insas, que vive rofiando a avante-lada bigodeira no seu gabinete, imitando o que ha de jogar no dia seguinte para gana dos ledores de tudo, de todos os jornaes, do artigo de fundo a pagina dos anuncios, deu á luz mais um livro — O Eterno Feminino.

Esse livro, que já appareceu esposto nas livrarias, todo mundo sabe que é ruim, sem o ter lido. (E' um dos pontos de contacto com o João Grave, seu Grieco). Porque as suas obras são todas a mesma cousa. Porque o Sr. Julio Dantas é um escritor um tanto intrigavel. E' desses que a gente só lê por descuido, quando não esbarrá com o nome d'ele estampado no cabeçalho do artigo. Parece prevenção, mas não é.

Dessa especie de omens de letras que querendo fazer a gente rir, faz chorar e vice-versa.

Esse escritor, cujos livros só estariam bem, espostos em prateleira de livraria de barbeiro ou de engraxate é talvez um dos escriptores estrangeiros menos lidos no Brasil. Desanda agora a despejar os seus calhamaços pros quatro cantos da nossa Nação, talvez porque até em Portugal não o leiam. E' por isso que insisto: ninguem lê o Sr. Julio Dantas. Traga, por muito favor, os livros d'ele.

Mais amigo do Brasil, porque talvez aqui venda mais livros do que no seu paiz, esse literato entende, numa ingenuidade incrível, que os espiritos das mulheres vão mesmo se impressionando com as suas semsaborias, pois quando escreve tem um olho no cobre que sai das algibeiras dos incautos e outro olho nas mulheres. Parece até que anda fazendo uma aposta consigo mesmo: a de escrever tantos livros quantos são os fios da sua ciclópica bigodeira...

Com uma attitude de quem sabe como ninguem a arte de piscar o olho para as mulheres, só falando em amor, com u'a concuplencia de fáuno voejando no fundo do espirito — esse gentilhomem português — de quem o proprio Portugal ha de se rir nas horas vagas, só escreve livros assim: O que morreu de amor, O Primeiro Beijo, Arte de amar, Como élas amam (Sem moélas, não!), o Amor em Portugal no seculo XVIII, Eles e élas, etc.

Sim, meus amigos, Portugal ha de se rir desse escritor, que escreve tantos livros como os que o Sr. Amador Satelmo escreve no joelho, sobre Antonio Silvino, desse escritor que vive preocupado com as mulheres, como o Sr. Coelho Neto com a Grecia.

Um paiz que tem Eça, Herculano, Camillo, Junqueiro e na geração actual Antonio Ferro, ha de guardar um risinho de escarneo pra esse fabricante de livros que, si Deus não mandar o contrario, acitará um diluvio de papel sobre a terra...

Para isso ter um paradeiro só ha uma solução: O presidente Carmona baixar um decreto proibindo terminantemente o Sr. Julio Dantas de escrever qualquer mais outro livro, para bem de Portugal e felicidade e socêgo do Brasil...

Oswaldo Abrita.

4 pedaços do tenu-pá oihó

clovis de gusmão escreveu pra "leite crioulo"

18 — Moral biológica. Mastigadasinha no estomago do mato, entre correntes de tradições eugenicadas culminadas no dever da vingança:

"contam que no tempo-longe uma tartaruga matou um gavião que deixava um filho pequeno. O gaviãosinho um dia foi caçar e encontrou penas no caminho. Chegou em casa contou. A mãe dele disse: meu filho aquilo são penas do teu pae que a tartaruga matou. O gaviãosinho calou-se. Cresceu. Ja grande experimentou forças no grelo do merity. Não arrancou. Disse: inda não tenho forças. Tempos depois voltou e arrancou o grelo do merity: Agora vou vingar meu pae!

20 — Contra a moral — convenção a dignidade humana e descodificada do indio. Conceito novo da virgindade. Espocando nos ritimos da sabedoria indigena. A procreação esteiomãe da sociedade. A ingenuidade natural de todas as cousas na consciencia das energias fecundadoras.

— "no nosso principio appareceu no rio Ukaiary uma tribu de mulheres que não podiam ter filhos porque os maridos eram decrepitos. O pagé perguntou: Vocês estão tristes? Sim. Porque o mundo vaee se acabar.

— Tudo isso sem maldade. A virgem tupy, integrada no papel que lhe foi revelado no symbolo da trindade teogonica, sente a humilhação de ver estinta a sua tribu.

23 — A idade natural pro contato dos sexos. O codigo superstição das mboiararas moradoras dos lagos mais gostoso do que o artigo 268. No ritual da cobra dagua.

— "quando alguma moça era suspeita de ter perdido a virgindade, ante da puberdade completa, os paes a levavam pro lago da mboiarara. Ficavam na beira cantando: "arara, aramboia, cuceci meiu". Se a moça era virgem, a cobra recebia os presentes que ela lhe levava e ia-se embora, cantando tambem. Se não, comia-a dando roncos que abalavam a terra".

— Claro que a moral despida de preconceitos estereis. Mas dentro de um fundamento esato de eugenia. A sabedoria dos feiticeiros escorando apenas a grandeza da tribu. Sem violentar os dominios do instinto.

31 — Da legislação cosmica em que as potencias teogonicadas atuam sobre os incendiarios de mato ou os matoadores de caça-parida, passamos á legislação vida-e-sexo. Sem Freud. Nem organização sovietica. Antes de Vienna e Moscou a intelligencia que sobe do mato.

— Pela legitimidade dos filhos do boto. E contra a hereditariedade principio seleccionador.

— Deante do imperialismo vapal o comunismo sadio dos morubixadas selvagens. A lei de Yurupay.

— A reciprocidade do braço. Dê as revelações reciprocas de hospitalidade.

Rio.

CERA ESMERALDA

A cera Esmeralda e Aviadora para lustrar moveis e assoalhos, sendo inferior á Cera Royal, custa apenas 3\$500 a lata, podendo trocar pela Cera Royal caso estas não lhes satisfaga (pagando o excedente). As ceras Esmeralda e Aviadora são encontradas em todo o Brasil nas casas de Ferragens, Armazens e Confeitarias.

Poemas de Belo Horizonte

paisagem n. 4

O frio na madrugada dominical anestesia
e a paisagem não tem graça.

Os homens vêm vindo encapotados
pelo morro coberto de arvores bonitas
parelha com mulheres palidas
de chale negro nac abeça.

Na madrugada fria
a igreja de Boa-Viagem
é um esqueleto muito branco
Para estudo das almas.

paisagem n. 5

com capim coberto pela poeira
O adro da igreja é um casco de lata velha
trepando cortinas sujas.

O bonde que passa lá em baixo não tem importancia.

Os homens tiram os chapéus
e as mulheres se benzem.

No largo da igreja
o filho do JUIZ-DE-PAZ
apascenta sete cabras magras...

ACHILLES VIVACQUA

o papagaio do palacio

(Especial pra "leite crioulo")

No tempo das eleições,
O dr. Rego Monteiro atufou-se de entusiasmo opposicionistas
Que até o papagaio no Palacio cantarolava o "Ai, seu mé"

Mas murcharam aquelles tempos magnificos...

Então o governador, por uma questão de commodidade,
Cobriu-se tambem com a mesma capa feita da lã que sobra
neste paiz,

A' porta dos salões, que se afundavam dentro dos espelhos,
O papagaio era a ultima voz da opposição que continuava a
cantarolar:
"O queijo de Minas tá bichado seu mé".

Quando o dr. Rego Monteiro ia almoçar, de collarinho durô,
com os secretarios do Estado,

Já havia uma ordem governamental:
Os criados levavam o louro lá pá trás do quintal do Palacio,
resmungando
— Esse bicho é o unico homem que ainda tem vergonha nesta
casa!

JACOB PIM-PIM
(São Paulo)

(Do livro a sahir: "Ai seu mé".)

caranguejo no porre

(pra "leite crioulo")

um mar beicudo de ondas
cospa espumas
na praia

um caranguejo
na areia immensa
como um dente solto do mar
cambaleia cambaleia
como um bebado

elle no minimo está convencido
que acabou com toda a agua salgada
com toda a agua do mar

ALBERTO DÉZON

O chapéo

Por certo não estaria com a razão.
Não devia estar com a razão. Pois
todos tinham opinião contraria! Pen-
sava isto. A rigor, nem pensava. Adi-
vinhava-o instinctivamente. Porque
uma creança de onze annos não pen-
sa. Age por obediencia, ou por uma
necessidade, como disse, instinctiva e
não raciocinada.

Não queria ir á pharmacia. Mas si
todos mandavam... Para que tanto
remedio? O tamborete já estava entu-
lhado de vidros abertos, raizes fedoren-
tas e cuias de chá.

Si ao menos tivesse um chapéo!
Havia um, é verdade, mas do pae.
Abas cahidas e fundo rasgado. Só
quando o pae não precisava delle, é
que o Zito o usava. Então, sim. Cor-
rião, faca na cinta e chapéo, principal-
mente chapéo!

Valia a pena ir ao povoado. Vom-
itando valentia por todos os quinze
lados. Mas assim, cabeça descoberta!
Desejava ficar. Mas foi andando...

— Como vae, Zito?

— Temperando.

Absorto, nem ligou. Era o compadre
Ze Carneiro, ou, melhor, o padrinho
Ze Carneiro, chará do pae.

— Espera um tiquinho, vou tamem.

Que cabulal! Sentiu que a companhia
não era boa. Nem desejavel. O cacete
do padrinho... Nem pitar, siquer,
poderia. Esperou, porem.

— Como vae o compadre?

— Mals mió.

— Ahn! Pois é. Logo agora, que o
diabo da peste podia servir, fugiu. O
Candoca, é verdade. Tamem eu dizia
sempre: menino criado com momo,
dá nisso.

Lembrou-se. O irmão mals velho, o
Candoca, sempre fôra poltrão. Servi-
ço? Adeus. Dôr de dente. Parebas no
pé. Qualquer coisa. Mas doente vive
a fazer gaiola e a pegar colleiros do
brejo? Elle vivia, o Candoca. E quan-
do o pae adoeecera, e a tropa atravessa-
ra a Estiva rumo ao sertão, Candoca
enkystara-se aos itinerantes. Cedendo
aos impulsos de sua indole andarina.

O barulhão surdo continuava. As
porretadas, tão cedo, no portal da bo-
tica, succediam-se. Afinal, um vozerio
trovejou. E uma cara mal dormida as-
somou á janella que esplava o serpen-
tear da estrada perdida no alto do
Morro Grande.

— Arre, que não se pôde dormir nes-
ta casa. Trouxe dinheiro?

— E'... não...

— Pol si tem dinheiro, trato. Si não
tem, fique sem tratar.

Voltou pensando na gaiola que co-
meçara na vespera. Havia de pegar o
curió que fazia matizada, á manhãzi-
nha, mesmo junto do arrozal. Esque-
cendo o boticario. Por completo.

A casa estava cheia. Movimentada.
E o pae estendido na mesa improvisa-
da, sem movimento.

— Morreu, meu Zito, meu querido
filho!

Olhou o espeto onde se equilibrava
o velho chapéo de abas largas, cahi-
das. E alegrou-se. E sorriu. Pois se-
ria, de então em diante, o unico dono
do chapéo...

Ary Gonçalves.

Ubá.

mãe preta

(inedito para "leite crioulo")

Mãe Preta, de camisa clara
e peitos muxibentos
pra ninguem não mamar.
Mãe Preta,
põe a roupa branca no varal

Mãe Preta, caiu um cisco no meu leite.
E' porque não ha mais tronco.
Si houvesse, Mãe Preta,
era hora de você ver.

Mãe Preta, larga de cantar
bobagens da Africa com r brando.
Este pito me faz nojo.
Parece o dedo grande de teu pé.
Pita cigarro Odalisca.

Mãe Preta, eu quero dormir.
Porém me nina na cosinha,
porque de tanto bater roupa
estás cheirando a sabão da costa.
E o quarto de mamãe
está cheirando a roupa nova.

Nada de cantigas de congado.
Conta-me a historia daquelle sinhô
que te cõrtou de rabo de tatu'.
— Chega sinhô!
— Não chega não, negra atôa!
e lépo e lépo e lépo!
E tũ pelada no tronco
como um morcego de maminha.
Mãe Preta: como se chamava.
Esse teu sinhô tão bravo?
Eta, mãe preta,
Serafina do Congo e Jesusis,
ninguem pôde com você!

FIDELIS FLORENCIO

bucolica

Este rio,
calmo, quieto e sereno
quebrando-se de subito
em um angulo recto
e mergulhando-se no ventre verde da mata
que além se perde
em um borrão de azebre;
estes dois morros
postos um de lá e outro de cá
atrevidamente olhando o alto;
esta mata,
de um verde forte,
onde de noite o luar põe espiritualidade
e de dia o sol consolações transcendentes;
este sol,
rubro-brante
como um olho quente a piscar no infinito,
dão a esta paisagem vulgar da minha terra
uma configuração tão bizarra
que me faz rir sem querer.

O rio quebrando-se violento,
é um braço dobrado
com as axilas expostas.

Os morros são dois seios
duros, tezos, erectos.

A mata é o pêlo sedoso de uma cabeleira
immensa e desnastrada
e o sol é o olho de um moço brejeiro
a olhar a terra pelladinha
pelo buraco da fechadura
da porta do infinito...

ODORICO COSTA

(Uberaba)

o caso do burro e a carapuça

Ouvl, ha tempos, uma historia de-
véras interessante. Pelo menos eu
penso assim.

Si, no fundo, não estivesse a pilhe-
ria, garantiamos de antemão que o fa-
cto se dera no Ceará. Ceará secca.
Sol de rachar.

Mas, por uma adaptação mesologica
de idéa o Ceará é, aqui, toda a nossa
"patria amada, idolatrada"...

Eu podia, para melhor entendimen-
to da fabula trancrever um trechozinho
de Ingenieros. Que vem a talho de
foice e começa assim:

"Não afrontam o perigo os homens
moralmente envelhecidos". ("As For-
ças Moraes", pag. 58).

Agora, o causo succulento.

Um certo senhor possuía um certo
burro. A secca veio vindo e o capin-
zal estorricou. Que nem palavriado
de 830.

Dos animaes só restava aquelle bur-
ro. Requeria, pois, certo cuidado.

Então, o engenhoso senhor arranjou
uns oculos verdes pro burrinho. Elle
ficou vendo tudo verde. E danou a
comer o capim enganado.

Interessante, não é mesmo?

(Até parece fabula de La Fontaine!)

Pois é; nós arranjaríamos uns
oculos verdes pro nosso constituinte
si o caso, aqui, não fosse ás avéssas.

O negocio aqui está verde, verdinho,
chamando que nem capim gordura...
E' só abrir os olhos um tinquinho!

Fonte Boa.

vistas de Bello Horizonte

(Valle FERREIRA escreveu pra "leite crioulo")

ESTRADA DE FERRO

A Estação sem prática da vida

exactamente a prumo

dá aos trilhos da Central uns ares de Railway

TRANSCONTINENTAL

motivo por que o moço de bonné sahiu dizendo que o RI achou

melhor ficar por alli mesmo

pra cabir na farra.